

# TESTEMUNHAS E MENSAGEIROS DO DEUS DA VIDA

## *Retomando as prioridades do XXIII Capítulo Geral*

### **CARTA CIRCULAR A TODOS OS MISSIONÁRIOS CLARETIANOS**

## INTRODUÇÃO

### *Queridos Irmãos:*

1. Na metade do sexênio para o qual foi eleito este Governo Geral, parece-me oportuno partilhar com todos uma reflexão que nos ajude a retomar os objetivos que apontamos para este período e nos leve a um compromisso mais decidido para manter vivo em cada um de nós e em nossas comunidades e atividades o carisma que o Senhor nos deu para a vida do mundo e para o bem de toda a Igreja. Para isto, vou sublinhar alguns aspectos que considero particularmente importantes neste momento, seguindo as prioridades que nos marcou o mesmo Capítulo Geral.

### **Manter vivo o carisma**

2. Desde o sexênio anterior se introduziu o costume de oferecer aos novos Superiores Maiores uns dias de convivência e estudo na Cúria Geral. Trata-se de um programa que pretende ajudar os que foram eleitos a exercerem o ministério do governo em nossa comunidade, a descobrirem as distintas dimensões inerentes a este ministério e a assumirem sua nova responsabilidade desde uma perspectiva mais universal de Congregação. Uma pergunta que surge sempre nestes encontros é a que procura definir a missão primordial do Superior Maior. Não cabe dúvida de que, desde uma perspectiva evangélica, a missão do Superior Maior é a de “cuidar de seus irmãos”, isto é, acompanhá-los em seu caminho de crescimento como pessoas consagradas, como missionários enviados a proclamar a Boa Nova do Reino. Com esta missão fundamental se relaciona uma indubitável responsabilidade do Superior Maior: manter vivo o carisma.
3. O carisma é a razão pela qual existimos como Congregação na Igreja e no mundo. Deus suscitou o nosso através de Santo Antônio Maria Claret e continua suscitando-o através dos que se sentem convocados a juntarem-se a nós nesta família de evangelizadores. É um dom, um tesouro que recebemos do Pai e que devemos cuidar com esmero. Trata-se de um carisma que, como todos, tem traços permanentes e expressões condicionadas por circunstâncias histórico-culturais. Devemos saber, portanto, fazer uma releitura e expressá-lo em cada momento histórico e nos distintos contextos culturais para que possa continuar sendo significativo e portador de vida para os que foram agraciados com este carisma e para os que devem receber os frutos da ação missionária que suscita.
4. O último Capítulo Geral, percorrendo um longo caminho de discernimento congregacional, nos deu umas luzes para vivermos nosso carisma durante este sexênio e nos marcou uma direção para que oriente a ação missionária que este faz surgir em nossa comunidade: o serviço à vida. O documento do Capítulo assume como título a expressão do Evangelho de São João “***Para que tenham vida***”. Com sabemos, o documento aponta com clareza as prioridades para o sexênio e as propostas para fazê-las operativas. À luz dele foram definidos e revisados os projetos de vida

e missão das Províncias, Delegações e Comunidades. Deste modo tentamos manter vivo o dom que o Senhor nos concedeu e fazer que seja verdadeiramente portador de vida.

## **Viver com radicalidade a dimensão profética da vida consagrada**

5. Na audiência que o Papa Bento XVI concedeu aos Superiores Gerais no dia 22 de maio de 2006, depois de manifestar sua gratidão aos consagrados pelo seu compromisso em difundir o “bom aroma de Cristo” (cf 2Cor 2, 15) na Igreja e no mundo, nos recordou que temos hoje “a missão de ser testemunhas da presença transfigurante de Deus em um mundo cada vez mais desorientado e confuso, em um mundo no qual os matizes substituíram as cores nítidas e genuínas”. Apontou o Papa como característica dos religiosos sua *pertença ao Senhor acima de tudo* e explicou que “pertencer ao Senhor significa estar inflamados pelo seu amor incandescente e ser transformados pelo esplendor da sua beleza”<sup>1</sup>. Aí está a fonte onde deve beber a vida consagrada para cumprir sua missão profética no mundo de hoje.
6. No documento que recolhe o processo vivido durante o “Congresso internacional da vida consagrada”, organizado pelas Uniões de Superiores e Superiores Gerais, que se realizou em Roma no mês de novembro de 2004, se afirma: “*O desejo de responder aos sinais dos tempos e dos lugares nos levaram a descobrir a vida consagrada como paixão: paixão por Cristo, paixão pela humanidade*”<sup>2</sup>. É uma expressão muito bonita que desperta profunda sintonia em nossos corações e, cheios de esperança, olhamos o futuro que queremos continuar construindo desde esta visão da vida consagrada.
7. Somente podemos estar apaixonados por algo quando o objeto que é a razão deste sentimento ocupa realmente o centro de nossos corações e de nossas vidas. É, pois, Cristo, sua paixão pelo Reino -o grande projeto do Pai- e sua compaixão pela humanidade, o centro integrador das nossas vidas<sup>3</sup>. Aí está a fonte que mantém viva a dimensão profética da vida consagrada. A exortação apostólica sobre a Vida Consagrada nos convida a meditar sobre o manancial permanente da profecia. “A verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta atenta da sua Palavra nas diversas circunstâncias da história. O profeta sente arder em seu coração a paixão pela santidade de Deus e, depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, a proclama com a vida, com os lábios e com os fatos, fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e contra o pecado. O testemunho profético exige a procura apaixonada e constante da vontade de Deus, a generosa e imprescindível comunhão eclesial, o exercício do discernimento espiritual e o amor pela verdade. Também se manifesta na denúncia de tudo aquilo que contradiz a vontade de Deus e procura novos caminhos de atuação do Evangelho para a construção do Reino de Deus”<sup>4</sup>.
8. O Congresso Internacional sobre a Vida Consagrada foi um testemunho claro de que esta está viva na Igreja e de que deseja ardentemente cumprir com radicalidade a missão que o Senhor lhe tem confiado. Quer, por isso, deixar-se transformar por esta paixão por Cristo que lhe faz abraçar a paixão pela humanidade. Somente assim será verdadeiramente profética. O Presidente

---

<sup>1</sup> Discurso do Papa Bento XVI na audiência concedida aos Superiores e Superiores Gerais no dia 22 de maio de 2006. OSSERVATORE ROMANO, dia 23 de maio.

<sup>2</sup> “*Pasión por Cristo, pasión por la humanidad*”. *Congreso Internacional de la Vida Consagrada*. Publicaciones Claretianas, Madrid, 2005, pg. 357

<sup>3</sup> “Não pensa senão em seguir e imitar a Cristo em orar, em trabalhar, em sofrer, em procurar sempre e unicamente a maior glória de Deus e a salvação dos homens” (CC 9). Ver também CC 4

<sup>4</sup> VC 84

da União de Superiores Gerais em seu discurso durante a audiência antes mencionada manifestava ao Papa: “Queremos ser um sinal visível do rosto do Pai e refazer a imagem de Deus para que seja reconhecida e respeitada em todas e cada uma das pessoas, especialmente nos pobres e nos que sofrem”<sup>5</sup>.

9. Durante o Congresso nos acompanharam dois ícones bíblicos muito sugestivos: o da *samaritana* que vai buscar água e se encontra com a água viva<sup>6</sup> e o do *samaritano* que sabe compadecer-se do seu próximo e deixa que esta compaixão determine o rumo da sua vida<sup>7</sup>. É verdade: junto aos poços onde vamos em busca de água que não acaba nunca de saciar a nossa sede e nos caminhos por onde caminhamos impelidos pelas nossas preocupações e projetos, nos espera o Senhor oferecendo-nos a água que se converte em manancial dentro de cada um e apelando à nossa compaixão para criar novas relações que manifestem a novidade do Reino. A sede, a conversação com o Mestre que vai penetrando com sua Palavra os diversos espaços da nossa vida, a disponibilidade a abandonar o cântaro que somente recolhe água que nunca acaba de matar a sede, o cuidado de uma nova relação com Deus em espírito e em verdade e o apelo interno a partilhar a experiência de libertação que surge da presença de Deus em nossa vida são, entre outros, traços que encontramos no ícone da samaritana. Empatia, ternura, proximidade, misericórdia são traços que descobrimos no ícone do samaritano. Dele aprendemos um modo de caminhar que nos obriga a estarmos atentos a todas as surpresas que o caminho nos apresenta, nos ensina a contemplarmos o rosto de Deus no rosto sofredor do irmão e a ajoelharmo-nos diante da humanidade caída, sem “dispensarmo-nos” das exigências do mandamento do amor que se traduz em gestos e compromissos concretos. Neste sentido, somente uma “vida religiosa samaritana” será capaz de expressar a dimensão profética que encerra nossa vocação.
10. O ideograma que, em língua japonesa, indica a palavra “atarefado” está composto de duas partes: a da esquerda indica o “coração” (no sentido de alma ou espírito), a da direita significa “perder” ou “desaparecer”. O ideograma descreve, portanto, a situação de uma pessoa que esqueceu o mais importante, que perdeu de vista o centro que dá unidade a todas as dimensões do seu ser e enche de sentido cada uma das suas ações. Anda um tanto perdida em seus próprios projetos. É uma chamada de atenção para a vida consagrada. Devemos manter viva “a alma” da vida consagrada para que continue sendo a fonte de sentido e a dinamizadora das múltiplas e maravilhosas atividades que os consagrados levam a termo. Daí nascerá o futuro que desejamos e que a Igreja pede a nós, os consagrados.

## Uma nova situação congregacional

11. A Congregação sofreu grandes mudanças em sua geografia humana durante estes últimos anos. Hoje a Congregação está composta por 3.121 claretianos, distribuídos em 36 Organismos Maiores e 10 Casas Generalícias, nos cinco Continentes. Um terço dos Claretianos aproximadamente está na Europa, outro, nas Américas e outro terço se encontra na Ásia e África. Os dados estatísticos projetam, no entanto, uma forte diminuição da terceira parte que se encontra na Europa, uma manutenção da que corresponde à América e um crescimento da terceira parte que se acha na Ásia e África. Dentro de doze anos poderemos chegar a uma situação em que metade do pessoal da Congregação estará na Europa e América e outra metade na Ásia e África. Tudo isto traz conseqüências nas diversas áreas da vida congregacional. Irei

---

<sup>5</sup> Saudação do Ir. Álvaro Rodríguez Echeverría FSC, presidente da União de Superiores Gerais na audiência concedida pelo Papa Bento XVI aos Superiores Gerais no dia 22 de maio de 2006

<sup>6</sup> Cf Jo 4,1-42

<sup>7</sup> Cf Lc 10,30-37

fazendo notar estas conseqüências ao longo da carta, mas é bom tomar consciência disto de um modo mais unitário no começo desta reflexão.

12. Está diminuindo o número de Claretianos que se formaram em uma proximidade geográfica e cultural dos lugares e contextos onde se originou nosso Instituto. Não cabe dúvida de que a integração de pessoas provenientes de novas culturas com distintas sensibilidades supõe um enriquecimento grande do nosso patrimônio cultural e espiritual, mas nos obriga a buscar novos caminhos para manter viva a conexão com as origens. A multiculturalidade crescente da Congregação exige de nós construirmos uma comunhão mais profunda naquilo que lhe dá coesão e unidade: o carisma missionário de Santo Antônio Maria Claret.
13. Os processos formativos tiveram que integrar a dimensão da interculturalidade para preparar as pessoas a viverem em uma Congregação profundamente marcada por este sinal. Multiplicaram-se os centros formativos que acolhem estudantes de diversas partes da Congregação por causa das destinações feitas prevendo o futuro dos Organismos. O número crescente de missionários em formação nas Províncias e Delegações recentemente constituídas nos obrigou a fazer um grande esforço na preparação de formadores e isto exigiu a colaboração de formadores de outros Organismos que responderam generosamente, apesar da situação deficitária de pessoal. Tivemos que fazer um grande esforço de tradução de textos do Fundador e da Congregação que são fundamentais nos processos formativos. A construção de novos centros formativos é uma das preocupações permanentes do Governo Geral.
14. O apostolado da Congregação está se abrindo para novos campos e ampliando seus horizontes. A maior presença da Congregação em regiões onde os cristãos são minoria nos tem levado a questionar mais a fundo o tema do diálogo inter-religioso. A crescente presença em países que sofrem pela pobreza e exclusão nos tem obrigado a organizar mais sistematicamente as Procuradorias Missionárias e a reforçar a ação no campo da Justiça, Paz e Solidariedade. As novas situações culturais do nosso mundo estão exigindo de nós questionamentos pastorais distintos, que nos obrigam, com freqüência, a ultrapassar a fronteira das estruturas tradicionais de apostolado. A intensificação da colaboração com os leigos, fruto de uma nova consciência eclesial e também, embora nos custe admiti-lo, da carência de pessoal, está pedindo um maior compromisso pela missão partilhada de nossa parte.
15. Talvez esteja chegando o momento de redefinir o Projeto missionário da Congregação, não porque não sejam válidas nem necessárias as opções explicitadas no documento “A Missão do Claretiano Hoje” (MCH)<sup>8</sup>, mas porque mudou a situação do nosso mundo, a consciência evangelizadora da Igreja se viu enriquecida pela reflexão sobre novos temas emergentes (diálogo inter-religioso, diálogo com a cultura e os novos questionamentos que os avanços tecnológicos suscitam, etc.) e o sujeito congregacional também se transformou, sendo agora muito mais variado que em 1979. Um tema a ser considerado quando começarmos a pensar no próximo Capítulo Geral durante a reunião dos Superiores Maiores em 2008. Queremos que nossa projeção missionária continue sendo significativa para a Igreja e para o mundo e desejamos que a Congregação mantenha e incremente seu espírito profético.
16. Finalmente, esta nova situação congregacional tem repercussões muito fortes na área da economia que analisarei com mais detalhe quando me referir a este assunto. Digo com sinceridade que me causam grande inquietação as cartas que recebo com freqüência dos Superiores Maiores e dos Ecônomos de algumas Províncias e Delegações partilhando suas

---

<sup>8</sup> “A Missão do Claretiano Hoje”. Documento do XIX Capítulo Geral, 1979, nn. 160-179

preocupações e pedindo ajuda urgente para remediar as crescentes necessidades de seus Organismos. É verdade que devem aprender a crescer pouco a pouco. Com frequência a pressa excessiva nos leva a situações muito incômodas. Não se pode ter tudo desde o começo. Seria bom rever a história da Congregação e ver como foram sendo construídos e consolidados as missões e os novos Organismos que eram criados. Os pioneiros contaram sempre com a solidariedade de seus irmãos, mas também deram prova de um grande espírito de sacrifício, que se expressou em sua disponibilidade a renunciarem muitas coisas e a assumirem com alegria as limitações inerentes aos inícios. Em todo caso, a necessidade de dar resposta à nova situação da economia da Congregação é um tema urgente e preocupante.

17. Na hora de olhar a Congregação, antes de começar esta reflexão, não posso deixar de anotar dois acontecimentos importantes: um já o vivemos, para o outro nos preparamos para celebrá-lo. Trata-se da Beatificação do Padre André Solá Molist, mártir claretiano no México e a comemoração do segundo centenário do nascimento de Santo Antônio Maria Claret, no próximo ano de 2007. Por ocasião da beatificação já lhes enviei no mês de abril do ano passado, uma carta circular na qual convidava a todos a celebrarem com alegria a memória do nosso irmão mártir e propunha algumas pautas para que a celebração se traduzisse em dinamismo missionário em cada um de nós e em nossas comunidades<sup>9</sup>. Sobre a comemoração do segundo centenário do nascimento do Padre Fundador lhes escreverei mais adiante. Em todo caso, desde o Centro de Espiritualidade Claretiana de Vic estão em preparação algumas iniciativas, em conjunto com a Província da Catalunha. Nós nos alegamos também com as duas novas fundações que pudemos fazer ultimamente: os grupos comunitários na China Continental e a missão de Moçambique. Destes projetos lhes falava em minha última circular, enviada depois dos Conselhos do mês de março deste ano.

## **PARA AVANÇAR EM FIDELIDADE CRIATIVA AO NOSSO CARISMA**

### **Entusiasmados por nossa vocação missionária claretiana**

18. Esta é a primeira condição para construir um futuro cheio de vida: viver entusiasmados por nossa vocação missionária claretiana. Tantas vezes já se falou sobre o amor à vocação!<sup>10</sup>. Aceitá-la como um dom precioso, assumi-la como tesouro escondido pelo qual vale a pena vender tudo<sup>11</sup>, vivê-la como um caminho de realização pessoal, que projeta nossa vida para Deus e para os irmãos e a faz fecunda e geradora de nova vida, são aspectos fundamentais deste amor pela vocação recebida. O último Capítulo Geral indica como uma das prioridades para o sexênio: *“Assumimos como prioridade o cultivo da própria vocação em fidelidade às nossas raízes evangélicas e carismáticas, expressas nas Constituições”* (PTV 48).
19. Entusiasmar-se pela vocação claretiana significa assumir com alegria o projeto de vida que nasce dos valores que a definem e que está expresso nas Constituições. Creio que devemos voltar mais frequentemente a este “livro de vida”. Dá pena constatar, com certa frequência, que o texto das Constituições ficou somente como texto de estudo no noviciado e não continua presente durante toda a nossa vida. A Congregação, fiel às orientações do Concílio Vaticano II,

---

<sup>9</sup> “Pe. André Solá Molist, Mártir claretiano no México”. Roma, 28 de março de 2005

<sup>10</sup> Cf. CC 67

<sup>11</sup> Cf. Mt, 13,44

fez um grande esforço para integrar no texto constitucional os elementos fundamentais da experiência espiritual e apostólica de Santo Antônio Maria Claret e no-lo ofereceu como um roteiro seguro para viver o seguimento de Jesus na comunidade de evangelizadores à qual fomos chamados. Os três volumes de comentários às Constituições, publicados há uns anos com o título “Nosso Projeto de Vida Missionária”, nos permitem aprofundar, desde uma perspectiva teológica e histórica, a riqueza do texto constitucional e nos ajudam a assimilar seus conteúdos de um modo mais sistemático.

20. Foram muitas as iniciativas que aconteceram ultimamente para desenvolver a imensa riqueza do nosso patrimônio espiritual e fazê-lo alimento para nossa caminhada cotidiana. O Congresso de espiritualidade claretiana, realizado em 2001, foi, neste sentido, um momento de especial densidade, tanto pela participação de muitos claretianos em todo o processo, como pela qualidade dos conteúdos que nos ofereceram. Além disso, podemos citar as semanas de estudos claretianos realizadas em Vic, as oficinas organizadas pelas Prefeituras Gerais, as duas oficinas de espiritualidade claretiana organizadas por CICLA, as várias experiências e programas de renovação claretiana (Encontros de Renovação Claretiana, Frágua, etc.), os muitos estudos que foram publicados nos últimos anos. As circulares dos Superiores Gerais nos convidaram constantemente a recolher esta herança maravilhosa para encarná-la em nossas vidas e expressá-la em nossos projetos como palavra e ação profética capaz de suscitar nova vida. A todo este esforço, houve uma resposta à altura de nossa parte? Contamos com uma rica doutrina, capaz de estimular a resposta vocacional de cada um e de encher de dinamismo profético nosso compromisso pastoral. Mas a doutrina não chegou ainda a penetrar suficientemente na mente e no coração de muitos claretianos. Pouco se conhece. É motivo de alegria, no entanto, constatar que houve Províncias, Delegações e Comunidades que levaram a termo programas sistemáticos que as ajudaram a assimilar toda esta grande oferta de estímulos carismáticos. Outros irmãos souberam assumir em seu próprio projeto pessoal de vida os tempos necessários para deixar que toda esta literatura chegasse a ser mensagem estimulante para a vida espiritual e para a ação missionária.
21. O itinerário espiritual que nos propõem estes documentos nos conduz a uma espiritualidade verdadeiramente missionária, que sabe abrir-se às interpelações dos lugares e da história, lidas e discernidas à luz da Palavra partilhada na comunidade e com o povo e que nos ajuda a responder a elas. A importância que queremos dar à nossa espiritualidade se reflete também na criação da Prefeitura Geral de Espiritualidade e de Prefeituras Provinciais em alguns Organismos.
22. Quero fazer uma chamada de atenção a todos, a fim de valorizar esta grande riqueza doutrinal que possuímos e assimilar os frutos deste ingente esforço que se vem fazendo. Apontemos concretamente em nosso projeto pessoal um tempo para isto. Nós procuramos sempre conhecer melhor aquilo que verdadeiramente amamos. Eu gostaria que em todas as comunidades, cada dia, se fizesse memória explícita das Constituições em algum dos momentos de oração comunitária. Escutar cada dia a leitura de um número das Constituições nos ajudaria a manter mais perto este texto que nos propõe o projeto de vida ao qual o Senhor, em sua Providência, nos convocou e nos convidaria a continuar aprofundando o conhecimento do mesmo e sua vivência.
23. A fim de promover maior e mais profundo conhecimento da figura do Padre Fundador e do patrimônio espiritual da Congregação se criou, há dois anos, o Centro de Espiritualidade Claretiana de Vic (CESC), que recolhe e amplia os objetivos que foram estabelecidos para o Secretariado Claretiano. Uma equipe de claretianos trabalha, com dedicação plena, neste

Centro. Eles iniciaram já vários projetos para cumprir os objetivos assinalados. Por outra parte, o Governo Geral pediu às Províncias e Delegações de recente criação que enviassem alguns de seus membros a especializarem-se em temas claretianos.

24. Os Organismos de Ibéria assumiram os custos deste projeto. Falamos insistentemente da inculcação do carisma. Expressamos o desejo de que os claretianos dos novos contextos culturais onde a Congregação se fez presente nestes últimos anos nos ofereçam as suas chaves de leitura do nosso patrimônio carismático e nos ajudem a descobrir nele novos elementos dinamizadores para nossa vida e nosso compromisso missionário. Isto não vai ser possível sem pessoas que se preparem seriamente para levar a efeito esta tarefa. Em todos os Centros de Formação da Congregação começaram as Semanas de Estudos Claretianos, anualmente, animados pela Prefeitura Geral de Formação. Quero lembrar a todos os Superiores Maiores e aos formadores a importância desta iniciativa que pretende familiarizar os futuros missionários com a Tradição congregacional e manter viva, deste modo, a colaboração que, desde nosso carisma específico, devemos oferecer na tarefa evangelizadora da Igreja.
25. Os esforços realizados nos últimos anos para interpretar e fortalecer nossa filiação cordimariana devem dar frutos de maturidade. Como filhos do Coração de Maria, queremos acolher a Palavra, encarnada em nossa vida e anunciada com novo ardor. Sentimo-nos lançados por Ela para lutar contra tudo o que se opõe ao Reino de Deus<sup>12</sup>. Nosso nome original de “Filhos do Imaculado Coração de Maria” expressa nossa identidade missionária. Não gostaria que a substituição pelo outro nome oficial de “Missionários Claretianos” nos fizesse esquecer o que o Fundador quis dizer-nos com este título.
26. Fica ainda pendente o projeto que pediu o Capítulo Geral quanto a intensificar a vivência da dimensão eucarística do nosso carisma<sup>13</sup>. A Eucaristia é um ponto de referência fundamental para a comunidade religiosa. Nela vamos crescendo, com Jesus, em nosso desejo de ser “pão partido para a vida do mundo”. A Eucaristia marcou profundamente a experiência espiritual e projeção apostólica do nosso Padre Fundador. Ela deve ser, para cada um de nós, a fonte de onde bebemos esta água que alimenta nossa espiritualidade e que nos permite produzir aqueles frutos que o mundo precisa para caminhar para uma vida mais plena.
27. Viver entusiasmados por nossa vocação missionária claretiana é a primeira condição para construir este futuro que todos desejamos. Não se trata de promover vãos triunfalismos, mas de sentirmo-nos profundamente felizes de termos sido chamados a pertencer a esta família de evangelizadores e de consolidar nossa adesão sincera ao projeto de vida que a inspirou e lhe dá sentido. Nosso Fundador nos concebia como homens de fogo, que ardem em caridade e abramam por onde passam<sup>14</sup>.

## **Uma comunidade sempre missionária**

28. Aconteceram grandes mudanças na vida consagrada com relação ao tema da comunidade. No documento da CIVCSVA “A vida fraterna em comunidade”, publicado em 1994, se afirma que “o clima de convivência melhorou; está facilitada a participação ativa de todos, passou-se de uma vida em comum, demasiadamente baseada na observância, a uma vida mais atenta às

---

<sup>12</sup> Cf. Aut 270

<sup>13</sup> Cf. PTV 70.2

<sup>14</sup> Cf. Aut 494

necessidades de cada um e mais esmerada no aspecto humano”<sup>15</sup>. No entanto, todos nós estaremos de acordo em afirmar que ainda nos resta um longo caminho a percorrer para criar estas comunidades vivas e portadoras de vida que desejamos.

29. Recolho um diagnóstico do último Capítulo Geral no documento *“Para que tenham vida”*: “São muitos os Missionários Claretianos que se sentem profundamente reconhecidos para com a Congregação e a consideram como o seu espaço vital: valorizam as pessoas, apreciam as suas obras e entusiasmam-se com os seus símbolos. O Capítulo verificou, no entanto, um elevado grau de insatisfação, quanto ao funcionamento da vida comunitária. Em geral, sentimo-nos bastante satisfeitos com o que fazemos, mas não tanto com a nossa vida fraterna. A insatisfação, em nível comunitário, leva-nos a buscar outras pertenças ou a fechar-nos nos próprios trabalhos, assumindo atitudes individualistas e de competição com os outros.” (PTV 49-50). Daí nascia uma das prioridades para este sexênio: *“Por isso, assumimos, como prioridade, fortalecer a comunidade como espaço vital e de compromisso missionário”* (PTV 51).
30. É curioso constatar a contraposição que acontece com frequência entre o desejo de maior profundidade na vida comunitária e a falta de compromisso para com a mesma que manifestam, às vezes, as mesmas pessoas que expressam este desejo. Todos nós temos, no entanto, experiência de momentos intensos de vida fraterna que nos ajudaram a consolidar em nossos corações a adesão profunda e sincera à comunidade que o Senhor nos tem presenteado e a manter firme nosso compromisso de comunhão com os irmãos. A comunidade é um dom de Deus, um precioso dom de Deus. Nela cada um se converte para os demais em sacramento do amor infinito do Pai dos céus por seus filhos. E, como comunidade, nós somos parábola da novidade do Reino, sinal das novas relações que surgem entre as pessoas quando os interesses do Reino, ocupam o centro das suas vidas. No Congresso mundial da vida consagrada de 2004, se escutou a voz forte dos religiosos jovens que pediam maior qualidade nas relações comunitárias. Expressavam um desejo profundamente enraizado no coração de cada um de nós.
31. Que belo é encontrar nas visitas claretianos que se sentem felizes na comunidade e que desejam esta mesma experiência para os demais irmãos! O Pe. Aquilino Bocos nos convidava, em sua circular *“Para um renovado compromisso missionário”* a conjugar alguns verbos na cotidianidade da nossa vida: confiar, qualificar, construir, fazer crível, inculturar, dilatar, colaborar<sup>16</sup>. Deveríamos agora ver como ampliar este dicionário e aprender a conjugar estes verbos em “distintas línguas” no seio de uma comunidade que é cada vez mais pluricultural. Na conjugação de todos estes verbos existe um só sujeito: “nós”. Um “nós” que é dom e vocação, um “nós” que temos obrigação de cuidar e aprofundar, um “nós” que -e são os dois novos verbos que acrescentaria- devemos ‘agradecer’ e “celebrar”.
32. De onde nasce a maioria dos conflitos comunitários? Já se escreveu muito sobre este assunto. Existe uma infinidade de livros e artigos com análises e propostas. O problema surge quando queremos encarnar no dia a dia de nossas comunidades ditas propostas. É preciso ter uma grande dose de sinceridade e humildade para abordar o tema da comunidade. A primeira pergunta que devemos fazer tem algo a ver com nossas próprias tendências egoístas. Quando o “eu” estiver desligado do “nós”, o caminho de solução estará fechado. Enquanto o “meu” projeto não se inserir plenamente no “nosso projeto” e este não tiver prioridade sobre aquele, a passagem para a “nova comunidade” estará longe<sup>17</sup>. Existe ainda uma dimensão de fé com relação a este tema: é preciso acreditar que Deus, em sua infinita Providência, me deu hoje estes

---

<sup>15</sup> VFC 47

<sup>16</sup> *“Para um renovado compromisso missionário”*. Carta circular do Pe. Aquilino Bocos. Roma, 1994, nn. 49-56

<sup>17</sup> Cf. *“Partir de Cristo”*, n. 12. Cf. EMP 29.1



irmãos, para que com eles e através deles possa aprofundar a experiência do seu amor gratuito. Que bela visão de fé é esta que ilumina nossa vida e nos ajuda a descobrir no dia a dia e nos irmãos a presença do Espírito do Senhor que anima nosso caminhar, sempre um tanto reticente e indeciso! É importante examinar na oração a própria experiência da comunidade. Isto nos ajudará a reconhecer diante do Senhor, que conhece nossos corações, os preconceitos que nos dominam e nos levará a pedir-lhe que nos purifique e nos capacite para amar. A comunidade está formada por pessoas com nomes e biografias bem concretas, com histórias marcadas pela alegria e pelo sofrimento, com desejos profundos de amar e serem amadas. Quando soubermos aceitar, sem impor exigências nem projetar nos demais nossas próprias deficiências, este desejo de amor será saciado.

33. Há muitos outros aspectos do tema comunitário sobre os quais poderíamos refletir. Gostaria de fazer referência, no entanto, a um deles que certamente não é o mais importante, mas que se observa com certa frequência. Tenho a impressão de que um dos motivos que amortecem relações mais positivas e gratificantes entre os religiosos -entre nós, concretamente- é uma espécie de situação de imaturidade psicológica que manifesta as atitudes e condutas de alguns. Parece ser um eco deste fenômeno crescente que aparece também na sociedade em geral e que alguns estudiosos começaram a identificar com o nome de “middlescent” (fazendo referência à palavra inglesa que identifica a adolescência: “adolescent”) e que caracterizam como uma etapa na qual as pessoas, apesar de terem já uma idade que as coloca plenamente no mundo dos adultos, continuam manifestando insatisfação, falta de equilíbrio, aborrecimento que conduz à evasão, etc., que as situa psicologicamente mais perto desta etapa da vida que chamamos adolescência. É algo que devemos enfrentar com lucidez e decisão desde os mesmos processos formativos. O que é que impede a alguns crescerem para esta maturidade que se deveria esperar de pessoas consagradas e que, frequentemente, estão desenvolvendo tarefas importantes dentro das atividades apostólicas? Não há dúvidas de que os componentes culturais a que me referia têm seu papel neste tema. Devemos reconhecer que estes fenômenos podem afetar também a nós e isto nos obriga a procurar aqueles instrumentos que favoreçam os processos de maturidade pessoal nos programas da formação inicial e em todas as etapas da nossa vida.
34. Nossas comunidades são cada vez mais multiculturais. É um dado estatístico inegável. Em muitas partes, partilham a vida irmãos provenientes de contextos culturais diversos e que, por isto, têm sensibilidades distintas com relação a muitos campos: cultura, política, experiência religiosa e eclesial, etc. Fiz referências a isto em diversas ocasiões. O grande desafio é passar da multiculturalidade, que é uma situação de fato, à interculturalidade, que é um processo que exige um compromisso concreto por parte das pessoas que formam a comunidade. É um dado que se constatou com clareza no Capítulo Geral, onde se constatou esta pluralidade de culturas que existe hoje em dia em nossa Congregação. Por isso o Capítulo não duvidou em assinalar: *“assumimos como prioridade, na Congregação – nas suas estruturas, instituições e estilo de vida – a necessária via do diálogo intercultural”*.(PTV 29). Este diálogo pede uma atitude aberta por parte de todos os que estão implicados nele. Nas conversas que mantive com muitos claretianos integrados em Províncias e Delegações distintas de seus Organismos de procedência, descubro, de vez em quando, os desafios do diálogo intercultural. Aos que recebem os irmãos provenientes de outras partes lhes é pedida uma atitude de abertura, disponibilidade a serem questionados e flexibilidade para ajustarem seus critérios de modo que possam acolher as colaborações dos que contribuirão para enriquecer a própria tradição cultural, eclesial e congregacional. Aos que chegam, lhes é pedida a humildade de reconhecerem que devem aprender, o respeito pela língua, pelas tradições e valores que constituem a alma dos povos que os acolhem, a abertura aos modelos pastorais das igrejas onde vão trabalhar. A ambos se deve exigir um profundo enraizamento nas fontes da identidade claretiana de onde vai surgir a água

que permitirá crescerem e amadurecerem os frutos de uma verdadeira comunhão e de uma projeção missionária eficaz.

35. Finalmente quero recordar que nossas comunidades, enquanto tais, devem ser “missionárias”. Elas mesmas devem ser sinais e anúncio da novidade do Reino. Seu estilo de vida deve ser transparência dos valores que Jesus quis imprimir no coração de quem chamou a “estar com Ele e ser enviado a anunciar o Evangelho”<sup>18</sup>. A estrutura e o programa de nossas comunidades devem possibilitar uma ação missionária audaz e eficiente, que possa responder aos desafios pastorais mais urgentes de cada lugar. A comunidade deveria estar questionando constantemente a tendência à instalação e à repetição de esquemas pastorais que podem se introduzir em nossas atividades apostólicas. A comunidade deve ser também espaço de acolhida para quem busca a Deus e para quem sente necessidade de um carinho e um respeito que, por motivos diversos, a sociedade lhes nega.
36. Continuar trabalhando o tema da comunidade é um dos grandes desafios que devemos assumir neste momento congregacional. Em muitos países a motivação vocacional não nasce tanto do querer “fazer”, mas da procura de itinerários consistentes de espiritualidade e de espaços que permitam viver a experiência de comunidade na qual os discípulos verdadeiramente “se amam”. Oxalá a Eucaristia que celebramos cada dia seja fonte e expressão deste compromisso de cada um para com a comunidade<sup>19</sup>. As Constituições nos oferecem, no capítulo I da primeira parte, uns textos que podem dinamizar esta dimensão tão fundamental da nossa vida. O caminho para o futuro passa pela coesão da comunidade. Um futuro com esperança nasce de uma comunidade que sabe reproduzir os traços que Jesus quis que fossem o distintivo dos que foram chamados a ser discípulos e optaram pelo projeto do Reino. A cordialidade, característica dos que são conhecidos como “filhos do Coração de Maria”, deveria ser uma marca permanente de nossas relações fraternas<sup>20</sup>.

## **A promoção vocacional e a formação**

37. A situação vocacional constitui o tema de maior preocupação em muitas Províncias e Delegações. Não chegam novos membros para nossa comunidade. O crescimento da meia idade e as poucas previsões de novas incorporações produz em muitos irmãos desalento e provoca certa preocupação, e inclusive angústia, sobre o futuro da presença claretiana em alguns lugares e sobre a continuidade de algumas obras muito queridas, criadas e levadas com grande dedicação e sacrifício. Por outra parte, à medida que se prolongam os tempos de secura vocacional se multiplicam as dificuldades para integrar os novos candidatos que possam ir chegando em uma dinâmica comunitária que vai se fazendo cada vez menos flexível pelas condições da idade ou do cansaço.
38. Sei que nossa Congregação não é imprescindível na Igreja e que o Reino de Deus continuará sua caminhada levado por muitas e distintas mediações, tanto dentro como fora da Igreja. Mas creio firmemente que se o Senhor suscitou nosso carisma na Igreja e continua suscitando-o é porque, em sua Providência, quer que continuemos construindo algo que Ele mesmo considera importante para a Igreja e sua missão no mundo de hoje. Ao pensar no tema vocacional, parto desta sólida convicção básica. É lícito citar um conjunto de aspectos demográficos e situacionais sócio-culturais, inclusive eclesiais, desfavoráveis ao analisar o tema do descenso do número de

---

<sup>18</sup> Cf. Mc 3,14. Cf. VC 51

<sup>19</sup> Cf. CC 35

<sup>20</sup> Cf. EMP 20

vocações em alguns países. Pode ser que estejam pedindo-nos pensar em novas formas de vida consagrada. Não excludo que até nos peçam traçar novos caminhos de integração em nossa própria comunidade. Mas é preciso também que nos perguntemos sobre nosso modo de viver o Reino e seus valores, sobre como nossa comunidade se faz transparência deles e é capaz, portanto, de atrair a quem os busque com coração sincero. Não me surpreende que, em uma Província ou Delegação em que os Superiores encontram sérias dificuldades para enviar religiosos jovens a suas missões mais comprometidas, haja escassez de vocações. O Senhor nos quer missionários e somente vai enviar à nossa comunidade quem se sinta chamado a viver este carisma, se nós estamos dispostos a ser fiéis a ele. Não precisamos, às vezes, de mais desapego de muitas coisas que fomos acumulando pessoalmente ou como grupo? Não será que tudo isto não nos tira a liberdade para cumprir a missão que o Senhor nos confiou como missionários?

39. Em outras partes da Congregação estamos experimentando um crescimento vocacional muito notável, que nos enche de alegria e nos move a dar graças ao Senhor. A ação de graças é a atitude adequada. Estamos contentes e agradecidos ao Senhor porque continua suscitando, através de mediações diversas, jovens que querem partilhar o projeto de vida missionária que se inspira na experiência espiritual e apostólica de Claret e seus companheiros. O segundo passo é o discernimento. Um processo que se deve fazer com muito cuidado. O mesmo Papa Bento XVI insistiu, repetidas vezes, na necessidade de examinar diligentemente as motivações que levam alguns jovens a baterem nas portas dos seminários ou das famílias religiosas<sup>21</sup>. O *Directório vocacional claretiano* nos dá critérios sólidos que devem guiar a seleção dos que aspiram à vida missionária claretiana.
40. Quero insistir em um ponto: não basta querer ser “sacerdote” para entrar na Congregação; é preciso desejar ardentemente “ser missionário” e aceitar todas as conseqüências que se desprendem desta vocação. A imagem do “sacerdote” que existe em alguns contextos culturais ou eclesiais, demasiadamente cuidadosa em sublinhar a dimensão da dignidade ou excessivamente atenta na gestão das estruturas pastorais, não expressa os aspectos mais fundamentais da identidade claretiana. Para nós, o serviço à comunidade cristã através do exercício do ministério presbiteral é uma forma de realizar a vocação missionária, não a única certamente. Vivemos para anunciar o Evangelho e para fazer da nossa vida um serviço à humanidade. Este deve ser o ponto de referência fundamental para delinear nosso modo de ser missionários como ministros ordenados ou como leigos consagrados. Não podemos ficar tranqüilos pensando que temos muitas vocações. Devemos cuidar da seleção e estar sempre atentos aos processos de discernimento, de modo que ajudem a avaliar as motivações e a reta compreensão da identidade claretiana, por parte dos candidatos.
41. É necessário insistir na pastoral vocacional. Recordemos a formulação que o Capítulo Geral nos deixou: “*Por isso, assumimos, como prioridade, a qualificação da pastoral vocacional e da formação: a consolidação do processo formativo, a formação dos formadores e o acompanhamento espiritual, para assegurar melhor consistência vocacional em todas as etapas da vida*” (PTV 56). Quero animar especialmente aqueles Organismos que não palpam os frutos de seus esforços dizendo que não fraquejem em seu empenho, antes, fortaleçam-no. Eu lhes propus um renovado compromisso em favor da pastoral vocacional como resposta congregacional ao presente que o Senhor nos havia dado com a beatificação do mártir André

---

<sup>21</sup> Podem ver as alusões ao tema no discurso que fez no dia 25 de julho de 2005 aos sacerdotes da Diocese de Aosta (Itália); nos discursos a alguns grupos de Bispos em visita ad limina: Bispos da África do Sul e Botswana (10 de junho de 2005), Bispos de Papua Nova Guiné (25 de junho de 2005), Bispos de Ghana (24 de abril de 2006), etc. A cuidadosa seleção dos candidatos ao sacerdócio e à vida consagrada e o discernimento vocacional são temas freqüentes nas intervenções de Bento XVI.

Solá<sup>22</sup>. Eu lhes dizia que na próxima Assembléia ou Capítulo cada Organismo fizesse uma avaliação a fundo da situação da pastoral vocacional para reafirmar o compromisso nesta área e buscar novos caminhos de ação. Peço aos Superiores Maiores que lhe dêem prioridade em seus Organismos respectivos. Vocês contam com meu apoio e podem contar também com a colaboração do Secretariado Geral de Pastoral Vocacional.

42. A Congregação conta com o Plano Geral de Formação que marca pautas sólidas para os processos formativos dos que se preparam para a vida missionária claretiana. A partir do PGF as Províncias e Delegações foram formulando ou reformulando seus planos de formação, de acordo com as exigências de seus próprios contextos culturais e eclesiais. Todo este esforço é positivo e estou certo de que vai trazer frutos abundantes. Há alguns aspectos que gostaria de sublinhar com relação ao tema da formação inicial, porque creio que incidem fortemente no futuro da nossa Congregação.
43. O primeiro se refere à *preparação de formadores*. É o fundamento para construir um bom projeto formativo. Antes de tudo, quero agradecer a dedicação generosa de muitos claretianos à tarefa formativa. As Constituições indicam claramente a importância da sua missão<sup>23</sup>. A falta de vocações em alguns Organismos pode levar a descuidar da preparação de alguns claretianos para assumirem responsabilidades formativas. O elevado número de candidatos em outros contextos congregacionais leva, às vezes, à improvisação com repercussões negativas que isto leva consigo em uma área de capital importância para o futuro da Congregação. Ambas as situações são negativas para a Congregação. Cada Organismo deve trabalhar o projeto formativo e prever a preparação das pessoas que precisa para levá-lo a efeito. É necessário definir bem o plano de especializações em função das necessidades formativas e apostólicas de cada Província ou Delegação. A colaboração entre vários Organismos nos programas formativos deve contemplar também a preparação dos que vão assumir a responsabilidade da formação. As Conferências de Provinciais e os Encontros de formadores são foros adequados para definir esta colaboração. Desde o Governo Geral se oferece o programa da “Escola do Coração de Maria” para aprofundar os aspectos especificamente claretianos dos programas formativos. Todos os formadores ou os que se preparam para esta tarefa deveriam participar da escola.
44. Não cabe dúvida que a base para ser um bom formador é a fidelidade na vivência dos próprios compromissos religiosos e o entusiasmo pela própria vocação. Uma atitude de acolhida e de escuta é também um componente necessário para poder construir uma relação fluida com os missionários em formação. A presença do formador no Centro formativo é outro dos pontos sobre os quais se deve insistir. Com frequência os formadores assumem outros ministérios deixando de lado sua dedicação à missão primordial que lhe foi confiada. Não se trata de rejeitar qualquer outro serviço ministerial, muitas vezes relacionado com o ensino nos Centros acadêmicos, onde estudam nossos jovens, mas assumi-los somente quando sejam compatíveis com o desempenho da sua responsabilidade fundamental como formadores. O acompanhamento pessoal freqüente dos formandos é uma das chaves do êxito da formação e isto requer muitas horas de dedicação, sobretudo quando o número de estudantes é elevado. Este é um dos aspectos que se deve avaliar bem nas visitas canônicas e nas reuniões da equipe formativa. Peço disponibilidade para assumir responsabilidades formativas. Todos nós sabemos que são cargos que supõem uma grande dose de sacrifício. Por isso devemos apoiar decididamente o trabalho dos formadores e colaborar generosamente nos serviços que nos peçam. Como dizem as Constituições: “A responsabilidade da formação missionária, por sua extraordinária

---

<sup>22</sup> “Pe. André Solá Molist, Mártir claretiano no México”, parte 5, pg. 19

<sup>23</sup> Cf. CC 68; 77

importância, corresponde a toda a Congregação, à Província e à comunidade formativa”<sup>24</sup>. Não economizemos esforços no campo formativo.

45. O ambiente cultural dominante em nossa sociedade não facilita o cultivo de uma profunda vida interior que constitui a base insubstituível sobre a que se constitui a resposta vocacional. Por isso, dever-se-á privilegiar, no projeto formativo, os tempos de silêncio e oração pessoal como espaços indispensáveis para aprofundar o contato com a Palavra e a amizade com o Senhor que nos chamou e continua nos chamando. A celebração gozosa da Eucaristia diária deve ser outro dos momentos privilegiados do programa formativo. Aproximar-se freqüentemente do sacramento da reconciliação é outro aspecto fundamental para crescer na fidelidade vocacional. Se, como diz “Vita Consecrata”, “o objetivo central do processo de formação é a preparação da pessoa para a consagração total de si mesma a Deus no seguimento de Cristo a serviço da missão”<sup>25</sup>, dever-se-á insistir em um itinerário educativo que ajude a conseguir aquela consistência espiritual que permita pronunciar o “sim” ao chamado desde o fundo do coração e com uma força que ajude a repeti-lo em cada uma das etapas da vida.
46. Outro aspecto que gostaria de sublinhar tem algo a ver com *a dimensão da maturidade humana de nossos formandos*. Nunca nossos Centros formativos, inclusive nos Organismos com economias dependentes do Governo Geral ou de outros Organismos, contaram com tantos recursos para levar à prática os programas formativos. Devemos nos alegrar com isto e ser agradecidos para com a generosidade de tantos missionários claretianos que se esforçam no trabalho e na economia para que não falte o necessário nas comunidades formativas. Em todo caso, este “dispor de tudo” aparece, às vezes, -nem sempre, felizmente- como fator negativo nos processos de amadurecimento de algumas pessoas. São poucos os jovens entre os 20 e 30 anos que podem dispor de dez anos ou mais para dedicarem-se exclusivamente à sua preparação, sem terem outra preocupação no campo econômico ou em aspectos que têm algo a ver com as necessidades da vida ordinária de cada dia. É verdade que nossa formação deve atender muitos aspectos que não são contemplados nos processos de preparação de outros estudantes universitários. Mas esta situação de privilégio não deve atrapalhar a interiorização dos valores que definem nossa vida missionária. No entanto, permanecem certas atitudes de reivindicações e de exigências pessoais que manifestam, de algum modo, a falta de maturidade de que falava antes. Sem deixar de atender os diversos aspectos que interessam à formação de nossos estudantes, nem a dedicação necessária e prioritária ao estudo, dever-se-ia buscar o modo de integrar nos programas formativos a dimensão do trabalho, sem excluir o trabalho manual, -na mesma casa de formação ou fora dela, em estruturas pastorais ou em outros centros- que ajude os formandos a tomarem consciência da responsabilidade com respeito ao funcionamento da comunidade formativa. Pelo menos, se deveria indicar claramente a conveniência de dar um enfoque distinto à sua vida os que não mostram este grau de maturidade que se espera de pessoas que optam pela vida religiosa e, concretamente, pela vida missionária claretiana.
47. Dentro da maturidade humana, o Capítulo Geral nos pediu que prestássemos atenção na dimensão afetiva e sexual<sup>26</sup>, não só pela sua importância objetiva na maturidade da pessoa, mas também porque nela se concentram muitas contradições dos nossos tempos: por uma parte, o convite ao permissivismo e, por outra, uma grande exigência de autenticidade e coerência. Para isto é necessário ajudar os formandos, mediante a auto-avaliação, o colóquio pessoal e as revisões de vida em comum, a confrontarem-se consigo mesmos e com a realidade na qual vivem, evitando atitudes evasivas, defensivas ou fechadas. Peço a todos, especialmente aos

---

<sup>24</sup> CC 76

<sup>25</sup> VC 65

<sup>26</sup> Cf. PTV 55; 73.3

superiores e formadores, que levem bastante em consideração as Orientações dadas sobre alguns assuntos relacionados diretamente com o voto de castidade<sup>27</sup>.

48. Nossas comunidades formativas são cada vez mais interculturais. Fizemos uma opção neste sentido. Isto facilita o enriquecimento mútuo dos formandos que provém de contextos culturais diversos e são preparados para os processos de inculturação que revestem sempre dificuldades. Insisto na necessidade de que todos os formandos aprendam uma língua distinta da própria, que facilite o intercâmbio congregacional e os serviços missionários. Para os estudantes destinados a Províncias ou Delegações distintas do seu Organismo de origem, está previsto um itinerário formativo que permite garantir, ao mesmo tempo, uma iniciação sistemática à vida missionária claretiana e o tempo necessário para a obrigada inculturação no lugar onde vão exercer seu ministério. Quero agradecer as equipes formativas pela sua generosidade em assumirem o esforço suplementar que supõe a atenção a este tipo de comunidades interculturais.

## **PONTOS IMPORTANTES NO NOSSO PROJETO PASTORAL DURANTE ESTE SEXÊNIO**

49. O Capítulo Geral nos apontou três elementos a serem reforçados durante este sexênio no âmbito do apostolado: a missão partilhada, a missão em diálogo e a solidariedade com os pobres e excluídos. Gostaria de comentar brevemente cada um deles.

### ***A missão partilhada***

50. Trata-se de um tema sobre o qual todos nós estamos ainda em fase de esclarecimentos e de procura. Há alguns elementos que me parecem importantes. Primeiramente, creio que é fundamental tomar consciência do conceito de missão que estamos manejando. A “missão” é o substantivo, “partilhada” é o adjetivo que nos indica um modo de entendê-la e realizá-la. Trata-se desta missão que “pertence a todos” e à qual nós nos incorporamos desde nossa vocação específica. Parece uma obviedade, mas é importante. É “nossa” missão, mas com um “nós” que supera os limites da nossa Congregação ou Província. É, antes de tudo, a missão da Igreja que, fiel ao mandato de Jesus, continua anunciando o Evangelho do Reino a todos os homens e servindo à causa daqueles a quem, segundo o mesmo Jesus, lhes pertence: os pobres, os pacíficos, os que trabalham pela justiça, os que sofrem... É mais, trata-se também da missão que Deus confiou a toda humanidade, a de ter cuidado com a sua criação e de construir uma história fraterna e solidária. A esta missão “nós nos juntamos”. Aí nasce a atitude que nos prepara a assumir as exigências que podem se desprender desta “missão partilhada”. Logo, teremos que ver o que nos toca fazer a cada um de nós, como harmonizar nossos carismas, como articular nossas ações em favor de um projeto comum, que é decisivo para o futuro da humanidade.
51. Isto significa que não podemos pensar nossos projetos desde nós mesmos e desde os interesses da nossa instituição, mas desde as urgências evangelizadoras globais, levando em consideração a complementariedade de vocações e carismas na Igreja. O Capítulo nos diz: *“Por isso, assumimos, como prioridade, que a missão partilhada se torne o nosso modo habitual de levar*

---

<sup>27</sup> Refiro-me ao documento enviado aos Superiores Maiores no dia 23 de novembro de 2003 com o encargo de que o comentassem nos foros que considerassem mais adequados em ordem a dá-lo a conhecer aos membros de seus Organismos.

*a cabo a missão, e que todos os claretianos aceitem as conseqüências que isso comporta para a espiritualidade, a pastoral vocacional, os processos formativos, a vida comunitária, o trabalho apostólico e as esferas do governo e da economia”* (PTV 37). A missão partilhada exigirá de nós analisar a situação concreta do lugar onde trabalhamos e do mundo em geral e descobrir com quem e como somos chamados a partilhar a tarefa de realizar o Projeto de Deus e discernir qual deve ser nossa colaboração específica. A partir daí, se deverá definir como formar de maneira concreta esta consciência nas obras da nossa Congregação ou através da colaboração com as iniciativas de outros grupos. Isto significa abrir caminhos para uma participação co-responsável e dinâmica dos leigos.

52. O Capítulo nos pediu abrir novos caminhos de missão partilhada<sup>28</sup> e nos animou a promover a presença dos leigos nos conselhos pastorais dos Organismos, nas equipes de animação e nas posições apostólicas<sup>29</sup>. Avalio muito positivamente os esforços de muitas Províncias e Delegações que estão seguindo estas orientações de um modo sistemático e criativo nas diversas áreas do nosso apostolado: equipes missionárias, pastoral juvenil e vocacional, pastoral social, pastoral educativa, pastoral paroquial, etc. A participação dos leigos está ajudando-nos a infundir um novo dinamismo nas atividades pastorais e nos está obrigando a definir melhor a especificidade da colaboração que nos toca dar desde nosso carisma. Devem-se programar bem os processos de formação dos leigos que começam a participar dos conselhos pastorais e equipes responsáveis das atividades apostólicas, mas também nós devemos nos preparar para sabermos aceitar a colaboração dos leigos e apoiar as decisões que tomarem no exercício das responsabilidades que lhes forem confiadas. A Prefeitura Geral de Apostolado fez uma oficina sobre o tema da “missão partilhada” que vai nos ajudar a aprofundar nossa compreensão deste conceito e a encontrar caminhos novos para operacionalizar esta partilha em todas as posições apostólicas.
53. Quero fazer aqui uma menção especial ao *Movimento de Leigos Claretianos*. Tenho a impressão de que não acaba ainda de encontrar, em alguns Organismos e Comunidades da nossa Congregação, aquela acolhida que lhe corresponde. Alguns ainda perguntam: o que é um leigo claretiano? O “Ideário do Leigo Claretiano” nos oferece uma resposta cabal e bem articulada a esta pergunta. No entanto, atrevo-me a sintetizar: o leigo claretiano é aquele ou aquela leigo/a que se sente chamado/a (trata-se, pois, de uma vocação) a viver de um modo mais radical a dimensão missionária da sua identidade cristã e que encontra em Santo Antônio Maria Claret uma inspiração ou motivação poderosa para isto (este é o aspecto especificamente carismático). Alguns chegam a conectar com a experiência espiritual e apostólica de Santo Antônio Maria Claret por mediações diversas que o Senhor, em sua Providência, dispôs. Não é pouco freqüente que seja através da sua relação com algum missionário claretiano ou com alguma comunidade ou atividade da Congregação. As pessoas que receberam este chamado do Senhor o partilham em um grupo, que os ajuda a crescer na resposta a este chamado e os sustenta no compromisso missionário através do qual, como leigos, expressam sua vocação claretiana. Aí nasce o Movimento dos Leigos Claretianos, e muitos destes leigos aderem a este Movimento, que lhes oferece uma experiência de universalidade na vivência deste dom carismático e uma garantia de fidelidade à vocação recebida no discernimento do projeto de vida e missão de cada grupo. Acompanhar os processos de formação destes leigos e a vida dos grupos é uma das tarefas que nos é pedida e que deveríamos acolher com entusiasmo e carinho. Uma colaboração ativa não

---

<sup>28</sup> “Que as comunidades com obras apostólicas promovam e abram decididamente novos caminhos de missão partilhada e regulem o seu funcionamento” (PTV 66.1)

<sup>29</sup> “Que os superiores e os responsáveis das obras apostólicas da Congregação, fomentem, após consulta à respectiva comunidade, a *presença de leigos* nos conselhos pastorais dos Organismos, nas equipes de animação e nas diversas posições apostólicas” (PTV 66.3)

dificulta, de modo algum, a autonomia que deve existir na relação entre a Congregação e o Movimento de Leigos Claretianos. Buscar espaços para partilhar a oração e o modo de entender e viver o carisma claretiano com estes leigos, nos ajuda a descobrir novos traços no nosso carisma e nos animará a vivê-los com maior radicalidade e entusiasmo.

## ***A missão solidária***

54. Paulo VI havia escrito na encíclica “*Populorum Progressio*” que a Igreja “*se estremece*” diante do grito angustiado dos povos que vivem situações de injustiça e dirigia um apelo a todos a darem uma resposta generosa diante desta situação<sup>30</sup>. Este “estremecimento” ou “comoção” diante da realidade da injustiça experimentada por tantos milhões de seres humanos é o primeiro passo para um compromisso sério pela justiça e pela paz. Observamos em nossa sociedade um alto grau de insensibilidade. Muitos se acostumaram a que as coisas sejam assim e foram caindo em uma espécie de fatalismo que os imobiliza. Daí, que para uma ação decidida em favor da justiça e para colocar em marcha verdadeiros movimentos de solidariedade, seja necessário este contato direto com a realidade dos pobres e oprimidos. Paulo VI, no número 4 de dita encíclica, comenta precisamente a experiência concreta que teve desta situação em suas viagens pela América Latina, África, Terra Santa e Ásia. Na saudação que foi dirigida ao Papa João Paulo II durante a audiência que este concedeu aos membros do último Capítulo Geral, lhe manifestava que: “Nossa reflexão e nossa busca estão orientadas pelas palavras de Jesus: ‘Para que tenham vida’. E é o que nos faz estremecer diante da realidade de tantas situações de morte que descobrimos em nosso mundo. A experiência dolorosa de milhões de homens e mulheres, com quem partilhamos a vida cada dia, nos induziu a fazer do ‘serviço à vida’ a linha mestra da nossa vida congregacional nos próximos anos”<sup>31</sup>.
55. Por esta razão no Capítulo “*assumimos, como prioridade, a solidariedade com os pobres, os excluídos e os ameaçados no seu direito à vida, de maneira que isso repercuta no nosso estilo de vida pessoal e comunitário, na nossa missão apostólica e nas nossas instituições*” (PTV 40). O que mudou em nossa vida? Que passos demos para expressar concretamente esta prioridade? Ou talvez tenhamos que nos perguntar com maior radicalidade: Afeta-nos e nos estremece verdadeiramente a situação de injustiça em que vivem tantas pessoas? Inquieta-nos? O documento capitular nos dizia que é essencial “deixar-nos tocar” pelos pobres<sup>32</sup>. Estes pobres e excluídos têm um rosto e um nome para nós, mais além das imagens que nos transmitem os meios de comunicação social? Dou testemunho de que vi comunidades claretianas e claretianos que vivem com radicalidade e generosidade este compromisso. Eles contribuem para manter-nos despertos e vigilantes e nos levam a integrar em nossa ação pastoral, seja qual for, esta dimensão de solidariedade e o compromisso pela justiça que são inerentes a um anúncio crível do Reino. Mas também devo confessar com tristeza que encontro ainda alguns irmãos nossos demasiadamente despreocupados com esta dimensão tão fundamental em um ministério que tem que ser verdadeiramente profético.

---

<sup>30</sup> “A Igreja, comovida diante de tais gritos de angústia, chama a todos e a cada um dos homens para que, movidos pelo amor, respondam finalmente ao clamor dos irmãos” (PP 3). Em algumas línguas traduziram a expressão latina pela palavra “estremecer-se”.

<sup>31</sup> “*Para que tenham vida*”. Saudação do Superior Geral a João Paulo II, pg 63.

<sup>32</sup> Cf. PTV 67.1



56. A colaboração com os que buscam a transformação do mundo segundo o desígnio de Deus é, para nós, um mandato constitucional<sup>33</sup>. Por que nos custa ainda dar forma concreta a esta prioridade em nossos projetos comunitários e pastorais? Uma das chaves que nos guiou na leitura bíblica que fizemos através do projeto PALAVRA MISSÃO foi, precisamente, o compromisso pela vida. Recordemos os títulos dos seis volumes do projeto: I “Pentateuco: Para que o homem viva”; II “Profetas: para que o povo viva”; III “Sinóticos e Atos: O Reino chegou” (é o Reino da vida); IV “Paulo: Anúncio de vida para culturas distintas”; V “João: confessar a vida em um mundo hostil”; VI “Sapienciais e salmos: rios de vida”. Nós nos deixamos trabalhar por esta Palavra que nos acompanhou durante estes últimos anos? Era, pois, natural que o tema do Capítulo Geral se explicitasse na frase do Evangelho de João: “*Para que tenham vida*”<sup>34</sup>. Devemos nos interessar pelos temas que estão relacionados com a Justiça e a Paz, o cuidado pela Criação e a Solidariedade. Devemos aprender a trabalhá-los e devemos animar a outros a assumi-los com paixão. Em nossa pastoral juvenil, em nossas paróquias, na pregação e na pastoral educativa, nos Centros de estudos eclesiais superiores, na pastoral social e em nossas publicações, deveria encontrar uma forte ressonância esta prioridade. O Secretariado Geral de Justiça e Paz e os responsáveis provinciais estão dispostos a ajudar-nos a reforçar esta dimensão.
57. Com outras Congregações nós estamos fazendo-nos presentes nos foros mundiais onde se tomam decisões que afetam a vida de milhões de seres humanos<sup>35</sup>. Nossa contribuição será pequena, quase insignificante, mas não deve faltar. São novos areópagos aos quais devem ser levados a luz e o sabor do Evangelho<sup>36</sup>. São espaços de diálogo e de construção de redes com quem busca uma alternativa às situações de injustiça e opressão presentes em nosso mundo e são, também, espaços para a denúncia que sempre acompanhou o ministério profético. Em nossa Congregação devemos continuar fortalecendo esta dimensão e devemos fazê-lo criativamente, contemplando dentro dos processos de revisão de posições a possibilidade de começar novas iniciativas nesta linha. Às vezes dá a impressão de que nos falta lucidez para empreender novos serviços missionários fora das estruturas tradicionais de apostolado. Uma ação missionária que pretenda ser relevante em nosso mundo deve estar disposta a sair para estes foros de diálogo com a sociedade civil e com muitos grupos de pessoas que, movidos por tradições religiosas diferentes da nossa ou por ideologias de profundo caráter humanista, procuram transformar o mundo segundo o desígnio de Deus.
58. Quase todas as Províncias e Delegações estão criando ou consolidando as Procuradorias Missionárias como instrumento concreto para expressar a solidariedade. É algo que me produz uma profunda alegria. A Procuradoria cria consciência missionária e ajuda a recolher os recursos econômicos necessários para levar a efeito muitos projetos em favor dos mais desfavorecidos, sobretudo nas missões. Obrigado a todos pelo esforço que estão fazendo. Podemos, no entanto, fazer mais. Em alguns lugares ainda não se questionou suficientemente a fundo sobre este tema. Nossas missões precisam de apoio para muitas obras que estão realizando. Nossos seminários precisam de ajuda econômica para poderem responder às exigências de uma boa formação. Sem claretianos que se responsabilizem pelos projetos e trabalhem ao lado dos pobres e excluídos não poderemos levar avante as obras de solidariedade.

---

<sup>33</sup> “Compartindo as esperanças e as alegrias, as tristezas e as angústias dos homens, sobretudo dos pobres, pretendemos oferecer a nossa colaboração a todos os que buscam a transformação do mundo segundo o desígnio de Deus” (CC 46)

<sup>34</sup> Cf. Jo 10,10

<sup>35</sup> Refiro-me à participação do encarregado do Secretariado Geral de JPIC e de outros claretianos em algumas sessões de comissões das Nações Unidas, na associação “Africa Europe Faith and Justice Network”, nos Foros mundiais ou continentais alternativos, etc.

<sup>36</sup> Cf. RMI 37; VC 96ss; CdC 45

Nas Procuradorias se deveria saber integrar o trabalho de mediação entre as instituições que facilitam fundos e o contato direto com tantas pessoas com quem temos ou devemos ter alguma relação (ex-alunos de nossos centros educativos, colaboradores em distintos apostolados, etc.) e que estão dispostos a colaborar em favor das obras que leva a Congregação. Não nos esqueçamos nunca do horizonte da missão universal da Congregação quando falemos do trabalho de nossas Procuradorias nas Províncias e Delegações.

59. Não quero terminar esta parte sem fazer uma pergunta concreta sobre nosso estilo de vida. Devemos estar sempre muito atentos porque o consumismo vai penetrando em nós e já nos parece “normal” o que até a pouco se considerava um luxo e continua sendo para muita gente que vive perto de nós. O Papa dizia aos Superiores Gerais, na audiência a que me referi antes: “Junto com a indubitável entrega generosa, capaz de testemunhar a doação total, a vida consagrada experimenta hoje em dia a insídia da mediocridade, do aburguesamento e da mentalidade consumista”<sup>37</sup>. Uma pequena parte dos habitantes do mundo consome a maior parte do que seria necessário para todos. Conhecemos todas as estatísticas. Onde nós nos situamos? São perguntas concretas que nos incomodam. Nós nos justificamos dizendo que não se deve ser minimalista. Mas eu creio que devemos nos confrontar sinceramente com estas perguntas. É verdade que a nossa é uma pobreza “apostólica”, que exige de nós contar com os meios necessários para o trabalho pastoral. Mas isto não pode ser nunca uma desculpa para adotar um estilo de vida que não resista a um confronto sério com as situações de pobreza e exclusão que estão, infelizmente, tão presentes em nosso mundo. O estilo de vida é também um termômetro da solidez do nosso compromisso pela justiça e pela solidariedade e da nossa consciência ecológica.

### ***A missão em diálogo***

60. O Processo de globalização, que não para, mudou os parâmetros das relações entre os povos. A mobilidade se converteu em uma das características principais do nosso tempo. As culturas e as religiões se encontram e devem aprender a conviver. Estamos assistindo conflitos que nos alertam sobre o perigo de atitudes fechadas ao diálogo ou da manipulação dos sentimentos religiosos e culturais do povo por parte de quem controla os centros de poder e querem aumentar suas áreas de domínio ou influência. Tudo isto contribuiu a trazer ao centro das nossas preocupações e prioridades o tema do diálogo. O mesmo Capítulo Geral era uma parábola desta interculturalidade que marca profundamente nosso momento histórico. “*Por isso, assumimos, como prioridade, a inculturação do Evangelho, por meio do diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural em todas as nossas obras missionárias*” (PTV 45).
61. No horizonte do apostolado da Congregação e no horizonte da missão evangelizadora da Igreja o diálogo inter-religioso aparece como uma forte exigência. Isto supõe algumas mudanças tanto na nossa mentalidade como em nossas estratégias pastorais. Por uma parte, nos leva a situar-nos com grande respeito frente a todas as tradições religiosas e saber descobrir nelas os caminhos que foram para muitas pessoas mediação de sua relação com Deus e que contribuíram a forjar os valores sobre os quais se construíram milhares de anos de história e de cultura. Por outra parte, nos obriga a pensar sobre o sentido e o método de evangelização a partir deste reconhecimento. A Congregação está cada vez mais presente em regiões onde o cristianismo é a fé de uma minoria exígua da população. Em 1997 se realizou em Sri Lanka uma oficina sobre “O serviço

---

<sup>37</sup> Discurso do Papa Bento XVI aos Superiores e Superiores Gerais na audiência que lhes concedeu no dia 22 de maio de 2006

missionário da Palavra e o diálogo com as religiões” organizado pela Prefeitura Geral de Apostolado<sup>38</sup>. Foi uma oficina que nasceu como resposta à inquietação de alguns claretianos que tinham sua atividade apostólica em contextos onde o cristianismo era minoritário. Mas, também queria colocar em andamento uma reflexão sobre as implicações que a nova atitude da Igreja com respeito às religiões não-cristãs tinha para nossa missão como servidores da Palavra. A oficina queria contribuir com a iluminação da opção congregacional pela “*Missio ad gentes*”, definida também freqüentemente como “*Missio inter gentes*”. O tema do diálogo inter-religioso estará cada vez mais presente na cultura congregacional. Deveríamos incentivar algumas experiências concretas neste campo e promover o estudo deste tema em todos nossos centros e programas formativos. O diálogo entre as religiões deve ser uma contribuição muito importante para a criação de uma verdadeira cultura da paz em nosso mundo.

62. O *Ecumenismo* é outro dos âmbitos onde a Igreja faz um exercício sério e responsável de diálogo. É uma alegria comprovar como em muitas atividades claretianas esta dimensão está muito presente. Resta-nos, no entanto, ainda muito caminho a percorrer. Faltam, na Congregação, peritos nesta área. Conforme os distintos contextos culturais o ecumenismo toma formas diversas e devemos saber juntar-nos com decisão às muitas iniciativas que existem nas igrejas particulares. O ecumenismo se constitui desde a base, onde cristãos de distintas tradições eclesiais, unidos em uma mesma fé e comprometidos no anúncio de um mesmo Evangelho, se encontrem para escutar a Palavra do Senhor e louvá-lo. Lamentamos não poder partilhar a Eucaristia, o sacramento da comunhão. Esta dor deveria ser um motivo constante para um incansável trabalho ecumênico.
63. O *diálogo com a cultura*, com todas as culturas, constitui outro ponto de máximo interesse para uma Congregação missionária como a nossa. Precisamos respeitar as culturas dos povos aos quais somos enviados: sua língua, sua história, suas esperanças e suas lutas para construir bases sólidas que lhes permitam manter a identidade dentro de um mundo no qual se percebe uma imposição das culturas dominantes. Na história da nossa Congregação há capítulos maravilhosos de missionários que se converteram em verdadeiros especialistas das culturas dos lugares para onde haviam sido enviados. Hoje em dia o povo os reconhece como “seus”, expressando aquele sentido de comunhão com o povo que os distinguiu e que deveria ser o desejo mais profundo do coração de todo missionário. Deve-se dedicar tempo a aprender a língua do lugar, a estudar sua cultura, a sentir-se orgulhoso pela história deste povo, a partilhar seus sonhos de futuro. É verdade que se deve fazer uma leitura crítica da história e da cultura, mas deve ser sempre uma leitura crítica onde não falte o amor de quem se sente, de coração, parte deste povo.
64. O diálogo com a cultura leva consigo várias exigências. A cultura evolui, não é estática; e, por isso, vai produzindo novos paradigmas de pensamento, novas formas de viver e de expressar-se, novos modelos de sociedade. O diálogo com a cultura exige atenção à realidade e dedicação ao estudo. Creio que esta seja uma palavra que devemos interiorizar mais, todos nós, os claretianos. Nossos programas de formação permanente deveriam dar atenção à realidade cultural que nos ajude a adquirir uma linguagem relevante para o povo e nos capacite para situarmo-nos crítica e evangelicamente diante de novos desafios culturais de nossa sociedade. Há temas muito complexos, sobre os quais não temos obrigação de ser especialistas, mas precisamos conhecê-los porque são fonte de preocupação para muitas pessoas que querem viver as exigências da sua fé neste momento histórico. Por outra parte, sem um acompanhamento atento dos movimentos

---

<sup>38</sup> A oficina se realizou em Kandy (Sri Lanka) de 25 de fevereiro a 5 de março de 1997. As Conclusões foram publicadas em um folheto editado pela Prefeitura Geral de Apostolado e todos os trabalhos da oficina foram recolhidos em um dossier que se enviou às Prefeituras Provinciais de Apostolado.

culturais do nosso tempo, fica muito difícil entrar em um diálogo fecundo com o homem de hoje, ao qual nossa palavra possa levar luz e despertar uma genuína paixão pela busca da verdade. Para implicar-se em um diálogo sério e aberto com a cultura deve-se amá-la. Não se pode andar pelo mundo simplesmente condenando. Dever-se-á ser crítico, certamente, mas se deve amar tudo o que há de bom neste mundo em que nos toca viver.

65. Finalmente, alegro-me com o esforço que tanto o Governo Geral como alguns Organismos estão fazendo para qualificar seu pessoal e para criar obras que possam ter um forte impacto na área do pensamento teológico, jurídico, filosófico, ou nos diversos âmbitos da cultura e da ciência. Foram criados novos Institutos de Estudos Superiores Eclesiásticos e se colocaram em marcha alguns projetos que têm como meta o estabelecimento de centros educativos de nível universitário. São projetos muito interessantes que podem ajudar a fazer mais incisiva nossa tarefa evangelizadora. Isto não nos pode fazer esquecer, no entanto, o compromisso que continuamos mantendo nas missões e que queremos continuar consolidando e promovendo com todas as nossas forças.

## **A reorganização da Congregação e suas implicações**

66. Sobre a reorganização congregacional estamos falando desde há muitos anos. É um tema que preocupa muitas Congregações que estão dando passos decisivos neste sentido. O Capítulo Geral se pronunciou com muita clareza: *“Por isso, assumimos como prioridade, no governo da Congregação, a organização mais equilibrada e eficaz dos nossos Organismos e a revisão das posições apostólicas”* (PTV 26). E pediu, concretamente, ao Governo Geral *“impulsionar e liderar com decisão os processos de reorganização dos Organismos Maiores e a revisão de posições dentro de cada Organismo, segundo os critérios presentes na nossa legislação”* (PTV 74.1). Estamos tentando assumir responsabilmente este mandato capitular. É um tema sobre o qual falei na reunião dos Superiores Maiores tida em Vic no mês de setembro de 2004, um ano depois da conclusão do Capítulo. Remeto-os ao texto do Dossier do Encontro<sup>39</sup>. Quero, no entanto, recordar nesta carta circular os objetivos e critérios que já expus naquela ocasião e que foram referendados por todos os Superiores Maiores e enriquecidos com suas reflexões.
67. Quanto aos *objetivos* que perseguimos com o processo de reorganização, insisti nos seguintes:
- a. Possibilitar melhor atenção às urgências missionárias do nosso mundo.
  - b. Assegurar vitalidade missionária tanto dos Organismos em crescimento como de outros que se encontram em uma linha descendente com relação ao número de pessoal.
  - c. Possibilitar melhor organização das comunidades e equipes atendendo às necessidades das pessoas e às exigências do trabalho apostólico.
  - d. Possibilitar projetos pastorais mais significativos e ajudar a dar um impulso mais decidido à revisão de posições.
  - e. Buscar melhor organização dos processos formativos dos Organismos.
  - f. Racionalizar o número de pessoas dedicadas ao exercício do governo.
  - g. Possibilitar melhor atenção às casas e atividades de regime generalício.
68. Para levar a efeito a reorganização são necessários alguns *critérios* que nos permitam superar as dificuldades inerentes a processos desta índole e avançar a um ritmo razoável para o cumprimento dos objetivos propostos. Assinalamos os seguintes critérios:

---

<sup>39</sup> *“Dossier-Informe. Encontro de Superiores Maiores”*. Vic (Espania) 2004. O folheto do Dossier foi enviado a todas as comunidades da Congregação.

- a. Levar em consideração as estatísticas do pessoal dos Organismos e as previsões de futuro, tanto no referente à situação vocacional como à idade das pessoas.
  - b. Cuidar para que se respeitem as características culturais dos Organismos nos projetos de reorganização.
  - c. Contribuir com a consolidação das novas fundações.
  - d. Cuidar para que a reorganização de Organismos vá acompanhada da revisão de posições.
  - e. Dar importância ao diálogo com os membros dos Organismos implicados, especialmente com os Governos dos mesmos que deverão ser os animadores destes projetos em suas Províncias ou Delegações.
  - f. Informar, onde houver, os leigos que fazem parte das equipas de animação das diversas áreas pastorais dos Organismos sobre os processos de reorganização.
  - g. Colocar em marcha processos com objetivos claros a curto (menos de três anos) e médio prazo (até seis anos), que permitam avançar para as metas propostas e avaliar os passos que vão sendo dados.
69. Sobre o tema da revisão de Organismos já foram dados importantes passos nos sexênios anteriores e se continuou avançando nos três anos do mandato deste Governo Geral. Limitando-nos a estes três anos, foram constituídas já as Delegações Independentes de Indonésia-Timor Leste e da África Central. Já ficou determinada a data da constituição da nova Província de Santiago, na Espanha, que vai reunir em uma as atuais Províncias de Aragão, Castela e Leão. Já estão traçados os processos de constituição das Delegações Independentes do Nordeste da Índia e Noroeste da Nigéria. O Governo Geral colocou também em revisão as casas e atividades que dependem diretamente dele. A casa e as obras de “Buen Suceso”, em Madri (Espanha), passarão à nova Província de Santiago; em Roma estamos estudando a reorganização das casas dependentes do Governo Geral e prevemos integrar algumas outras obras e missões que se encontram sob os cuidados diretos do Governo Geral nos Organismos Maiores da região. Está sendo fortalecida a coordenação do Projeto formativo e pastoral das Missões do Kênia, Tanzânia e Uganda, pensando na constituição de uma futura Delegação ou Província Claretiana da África Oriental.
70. Algumas Províncias e Delegações, embora com ritmos diversos, estão comprometidas em processos de reflexão sobre uma possível re-estruturação. São processos abertos nos quais buscamos, tendo presentes os critérios estabelecidos, a melhor solução em vista aos objetivos assinalados.
71. A reorganização, sobretudo quando se trata de reunir vários Organismos em um só, leva consigo muitas dificuldades. Uma Província ou uma Delegação não é uma simples soma de casas, atividades e indivíduos. É realidade viva na qual seus membros se conhecem e convivem e onde se criaram o que poderíamos chamar uma “cultura provincial”. Por isso, produz certo medo dar um passo para o novo porque se teme perder o que se tem, sem a segurança de conseguir algo mais positivo. É impossível avançar neste processo se não somos capazes de situarmo-nos em uma perspectiva mais universal. É muito difícil convencermos-nos da necessidade de criar estas novas estruturas se não analisarmos a fundo os desafios da missão e as possibilidades reais que devemos responder. Uma reflexão em profundidade nos mostrará, certamente, que a capacidade de resposta aos novos desafios da missão e da formação aumenta dispendo de bases mais amplas para traçar nossos projetos. A mesma natureza de uma Congregação missionária exige esta flexibilidade na determinação das estruturas organizativas, que devem estar sempre submetidas a um processo de revisão em função do seu objetivo missionário. Por outra parte, existe certa inércia que nos leva a acomodarmo-nos, a não mudar, especialmente quando os anos de permanência em um mesmo lugar ou o tempo de existência de uma determinada estrutura

vão se prolongando. A permanência prolongada em um mesmo lugar ou os anos de duração de uma estrutura não são em si mesmos, nem bons, nem maus. Tudo dependerá das exigências da missão que, às vezes, exige estabilidade. Mas devemos estar atentos para que a disponibilidade própria da vida missionária não seja ameaçada por isto.

72. Alguns invocam, para opor-se a estes processos de reorganização, as feridas sofridas na divisão, anos atrás, de Províncias e Delegações às quais agora se pede uma reflexão que contemple, entre outras possibilidades, sua fusão em um novo Organismo. Entendo, certamente, o medo a verem-se imersos de novo em experiências dolorosas de outros tempos. As feridas hão de curar-se, e, geralmente, já houve tempo para isto. Penso que estas circunstâncias não devem constituir uma razão para bloquear as novas possibilidades de futuro que se abrem neste momento. Agora é necessário enfrentar com um novo espírito o futuro, trazendo ao centro do nosso coração o que nos une, o carisma claretiano e o que dá razão à nossa vida, a missão de anunciar o Evangelho. Creio que com um espírito aberto seja possível avançar na direção que nos indicou o Capítulo Geral e fazê-lo em tempos relativamente curtos.
73. Desde o Governo Geral continuaremos trabalhando nesta linha através dos dinamismos normais do exercício do governo: Visitas Canônicas, Capítulos Provinciais e Assembléias. Mas não vamos descuidar as visitas de animação e a participação em momentos significativos da vida das Províncias e Delegações como podem ser os exercícios espirituais, as reuniões de Superiores e outros foros que ajudem a interiorizar as decisões e a propiciar atitudes necessárias para levá-las a termo.
74. Unido a este tema está o da permanência ou não da Congregação em alguns lugares onde a idade média dos claretianos que fazem parte deste Organismo é bastante alta e as perspectivas vocacionais não são, de modo algum, prometedoras. Devemos continuar com nossa presença nestes lugares? Tem sentido o esforço que estamos fazendo para manter uma presença que não sabemos, no fim das contas, quanto vai durar? Refiro-me, principalmente a algumas presenças na Europa e na América, talvez também a alguma no Oriente da Ásia. O Capítulo Geral nos disse: *“O Governo Geral estará atento à viabilidade de cada Organismo, de modo a poder contar com pessoal suficiente e os recursos necessários para desenvolver com normalidade o seu projeto de vida e missão, segundo as orientações deste Capítulo”* (PTV 74.2). Antes de determinar as estratégias que vão fazer possível a continuidade da Congregação nestes lugares, é lícito perguntar pela oportunidade de ditas presenças. Eu estou convencido de que muitas destas presenças são muito importantes para o atual momento que vive a Congregação.
75. Três razões principais me levam a fazer esta afirmação. Por uma parte, existem urgências pastorais evidentes. No caso da Europa, por exemplo, é necessário redobrar os esforços missionários diante de povos que vão construindo seu futuro à margem da dimensão religiosa, presente no coração de cada ser humano e é fator decisivo na verdadeira humanização da sociedade. Devemos devolver a alma a muitas sociedades européias, para que não deixem de ser solidárias e saibam apreciar o dom da vida e colocar-se a seu serviço. Devemos acompanhar os que, em meio a esta nova situação cultural, se esforçam em aprofundar sua experiência de fé e orientar toda sua vida desde ela. Uma segunda razão é de estratégia congregacional. A ninguém podemos esconder que, graças à generosidade da Província da Alemanha, hoje muitos claretianos podem continuar exercendo sua missão entre os pobres em diversas partes do mundo e todos nós estamos de acordo em afirmar a importância que pode ter nossa presença na França neste momento em que a Congregação experimenta um crescimento notável nas nações da África francófona, somente para mencionar dois exemplos entre outros. Finalmente, existe um terceiro motivo que me leva a afirmar a necessidade de continuar presentes significativamente

na Europa e na América e é o aprofundamento do diálogo intercultural no seio do Instituto. Certamente me entusiasma ver como a voz da Ásia e da África cresce e se consolida no conjunto da Congregação. Para desenvolver um verdadeiro diálogo intercultural precisamos dar estes passos. Mas nosso diálogo ficaria muito limitado e nossa Congregação se veria tremendamente empobrecida se a voz da América e da Europa se debilitasse até fazer-se quase imperceptível no conjunto da vida do Instituto. América e Europa continuam sendo fontes de pensamento e geradoras de cultura. E é importante que esta voz continue viva dentro deste grande diálogo que há de enriquecer a todos nós.

76. Não tenho a menor dúvida de que ao problema da falta de presbíteros que se prevê, por exemplo, na Igreja européia, dever-se-á encontrar uma solução em novos questionamentos pastorais e disciplinares no seio da mesma Igreja. Não podemos buscar a solução simplesmente no envio de presbíteros de outras partes do mundo. Mas também não duvido de que a presença em Províncias e Delegações da Europa ou da América de irmãos nossos de outras regiões geográficas da Congregação pode fazer possível a continuidade de uma atividade missionária relevante nestes lugares, que, por outra parte, se verá enriquecida com sua colaboração. A eles, como já disse antes, vai ser pedido um grande esforço para inculturarem-se nos novos povos aos quais são enviados e a quem os recebe será exigida abertura e profundo sentido fraterno. Se nós queremos que estas destinações sejam significativas no sentido que estou falando não resta senão esperar que o compromisso dos que são destinados tenha um horizonte de permanência prolongada. A isto obedece a orientação para a incardinação nestas Províncias e Delegações dos que são destinados.

## **Chamados a partilhar**

77. Tenho ainda a comentar outra prioridade que assinalou o Capítulo Geral e que se refere à economia da Congregação. Estabeleceu o Capítulo: *“Por isso, assumimos, como prioridade, maior solidariedade dos Organismos Maiores com o Governo Geral e desejamos que este aumente o mais possível o patrimônio e os fundos próprios, de modo a cobrir as necessidades globais da Congregação”* (PTV 63).

78. As estatísticas congregacionais assinalam uma tendência de crescimento nas regiões do mundo que estão mais marcadas por dificuldades econômicas e um decréscimo naquelas que gozam de maior bem-estar. Isto tem, sem dúvida, um impacto forte na economia congregacional. Alguns anos atrás era, mais ou menos, 75% da Congregação devia apoiar economicamente os outros 25%, atualmente esta relação está sofrendo umas mudanças notáveis. Pode ser que, no final do atual sexênio, a relação se situe em termos de 50%, metade terá que apoiar a outra metade.

79. Tanto na reunião do Governo Geral com os Superiores Maiores, realizada em Vic em setembro de 2004, como no Encontro dos Econômos Provinciais, acontecido em Colmenar Viejo, no mês de setembro de 2005, se estudou a fundo o tema econômico. Na última circular que lhes enviei depois das sessões intensivas do Governo Geral do passado mês de março, lhes indicava alguns projetos que estamos levando adiante. Não serão entendidos se não nos situarmos em uma perspectiva universal de Congregação e não sentirmos as necessidades dos novos Organismos como algo que nos afeta também a cada um de nós. Porque nos interpela a missão e porque nos interessa o futuro da Congregação, damos estes passos que a alguns vai supor sacrifício. Estamos muito atentos para que não sofram as atividades que se verão afetadas por ditas mudanças; pelo contrário, em diálogo com os interessados, procuraremos que estes projetos se convertam em uma oportunidade de renovação e se abram ditas atividades a novos horizontes.

80. Quero insistir no que dizia aos Ecônomos Provinciais, reunidos em Colmenar Viejo no ano passado. Eu lhes recordava alguns princípios e linhas de ação que considerava e continuo considerando cruciais neste momento congregacional no campo da economia:
- a. Afirmação na vida pessoal e comunitária dos valores que assumimos ao consagrar-nos a Deus com a profissão religiosa e ao comprometer-nos a observar as Constituições com todo cuidado possível. Disse repetidamente: é a base, a condição “sine qua non”. Sem uma fidelidade a estes valores vividos com profunda alegria não será possível avançar neste campo.
  - b. Uma visão congregacional mais universal e inclusiva, que nos permita sentir como próprias as necessidades dos demais.
  - c. Um planejamento econômico sério e rigoroso, que se torna impossível sem uma estrita disciplina orçamentária e um controle contínuo da aplicação dos orçamentos.
  - d. Programação de um ulterior esforço para a otimização do rendimento do patrimônio e demais recursos econômicos.
  - e. Fortalecimento da Administração Geral.
  - f. Organização de uma sólida Procuradoria Missionária tanto em nível geral como em cada um dos Organismos.
  - g. Acompanhamento de perto, por parte do Governo Geral, dos Organismos que não têm auto-suficiência econômica.
  - h. Estudo e aplicação das normas da IV parte do Diretório, que trata da organização da economia na Congregação.
  - i. Integração do tema da economia nos processos de formação inicial.
81. Nossa economia deve estar sempre aberta a uma dimensão de solidariedade com os pobres. É um aspecto que não pode faltar e que deve encontrar ressonância em nossas atitudes e expressão concreta em nossos orçamentos e em nosso estilo de vida. Nas visitas canônicas e nas reuniões de avaliação da nossa vida de comunidade, deveríamos confrontar-nos com este tema e ver como estamos expressando esta dimensão de solidariedade que é parte essencial das exigências da vida cristã.

## CONCLUSÃO

82. Estamos vivendo ainda o tempo litúrgico da Páscoa. Durante estas últimas semanas nos acompanharam, especialmente, os seguintes livros da Escritura: o Evangelho de João, o livro dos Atos dos Apóstolos e o Apocalipse. Neles encontramos pistas que nos convidam a viver o presente com uma profunda atitude de fé e a situar-nos diante do futuro cheios de esperança. O Evangelho de João nos introduziu no mistério da comunhão com Jesus e com seu projeto. Esta maravilhosa meditação que João põe nos lábios de Jesus no contexto da última ceia faz chegar até nós as batidas do Coração do Mestre que o mesmo João escutou naquela noite. Uma comunhão que nos submerge na experiência do amor do Pai e nos abre para o amor fraterno, distintivo da comunidade dos discípulos de Jesus. O Senhor nos promete o Espírito que transforma os corações e abre a inteligência à compreensão do Mistério da sua Páscoa. Os Atos dos Apóstolos nos aproximaram do caminhar da primeira comunidade cristã, caracterizado pela escuta da Palavra, pelo partir do pão -memória da entrega pascal do Senhor-, a comunhão de coração e de bens e a projeção missionária. O livro do Apocalipse acrescenta em nós o desejo de novos céus e nova terra, onde o desejo de amor do nosso coração será pleno da experiência de ternura do Pai dos céus que enxuga, ele mesmo, nossas lágrimas e nos leva ao compromisso de sermos hoje, no aqui e agora da nossa história, sinais críveis desta pátria que todos esperamos.



83. Maria nos acompanhou como ícone desta confiança total no amor do Pai. Ao pé da cruz continuou repetindo seu Magnificat, acompanhado nesta ocasião pelo pranto da Mãe que perde seu Filho, mas sustentado pela esperança na promessa de Deus a seu Povo. A Ela, ao seu Coração, cheio do Espírito, confiamos nosso presente e nosso futuro.
84. Concluo recordando aquela definição do missionário que nos deu nosso Padre Fundador, e que queria que cada um de nós levasse sempre consigo: *“Um filho do Imaculado Coração de Maria é um homem que arde em caridade e que abraça por onde passa. Que deseja eficazmente e procura por todos os meios inflamar todos os homens no fogo do divino amor. Nada o detém; goza nas privações; enfrenta os trabalhos; abraça os sacrifícios; compraz-se nas calúnias; alegra-se nos tormentos e dores que sofre e se gloria na cruz de Jesus Cristo. Não pensa senão em seguir e imitar Cristo no orar, trabalhar, sofrer, procurar sempre e unicamente a maior glória de Deus e a salvação dos homens”* (CC 9). Estas palavras nos assinalam com clareza o futuro para o qual devemos caminhar. Relê-las e vivê-las nos distintos contextos nos quais estão trabalhando hoje os membros da Congregação exige muita audácia e generosidade. Peço ao Senhor que não nos falem estas virtudes. Do compromisso por fazer realidade em nossas próprias vidas esta visão do Fundador dependerá nossa capacidade de gerar um futuro novo e, ao mesmo tempo, plenamente fiel a nossas fontes carismáticas.

Roma, 31 de maio de 2006  
Festa da Visitação de Maria

Josep M. Abella Batlle, cmf.  
Superior Geral